

Ano/Edição	para Refugiados (UNHCR), tematizando orientação sexual e identidades de gênero. Ao final, exploramos alguns indicativos de como tais documentos se localizam no contexto brasileiro. Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
------------	--

## GERAÇÕES

<b>Título</b>	<b>A inserção dos migrantes através das gerações</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo</b>
Autor/es	<b>Zeila de Brito Fabri Demartini</b>
Resumo	Estas reflexões estão pautadas em dois estudos complementares realizados junto a famílias de imigrantes japoneses'. No primeiro abordamos famílias de origem japonesa que vieram para as cidades de Campinas e São Paulo durante as primeiras cinco décadas desse século ( 1908-1950) (Dennartini, 1997a), Focalizamos nossa atenção especialmente em temas relacionados á educação, aos hábitos culturais e atividades de lazer, Na segunda etapa aprofundamos nosso conhecimento sobre as questões estudadas anteriormente, bem como incluímos novas indagações e elementos de análise, que foram surgindo na medida que avançamos com essa caracterização mais ampla do grupo estudado. Portanto, os temas relacionados com a mobilidade socioespacial dessas famílias. os projetos individuais e coletivos de ascensão socioeconômica, o processo de escolarização das gerações mais jovens e a vivência cultural nas últimas décadas toram examinadas sob um novo prisma, a partir de uma análise de gerações que compõem cada família e as diferenças sociais, econômicas e sobretudo culturais ao longo deste século (Demartini, 1997b).
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP

<b>Título</b>	<b>A imigração árabe no Brasil</b>
Autor/es	<b>Samira Adel Osman</b>
Resumo	As questões por num levantadas em relação à vinda de imigrantes árabes concentram-se na discussão sobre o processo de integração, interação e assimilação desses

Ano/Edição	imigrantes em relação à sociedade brasileira que pareciam ter atingido proporções diferentes, facilitadas ou dificultadas pela questão religiosa, na qual se dividiu esse grupo: cristãos e muçulmanos. Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Os filhos da África em Portugal: a vida entre dois mundos</b>
Autor/es	<b>Neusa Maria Mendes de Gusmão; Herbert Rodrigues; Idenilza Moreira de Miranda</b>
Resumo	As vivências marginais no espaço físico e social desse mundo português em mudança serão, então, o palco em que os imigrantes africanos e seus filhos africanos-portugueses ou portugueses-africanos de segunda geração - os luso-africanos constroem a vida, uma vida entre dois mundos, Constroem realidades que integram uma ordem mundial de intenso trânsito e tráfego e que, por esta razão, estabelecem conquistas, explicitam contradições e revelam possibilidades de convivência e de conflito. O que o presente artigo se pergunta é o quanto dessa capacidade de convívio de fato se realiza frente aos africanos e seus filhos e netos, os luso-africanos de segunda e terceira geração. Seria a realidade portuguesa intercultural e marcada como a de solidariedade intersocial? Quais as marcas e pertencimentos de sua cultura, frente ao contato entre povos, frente ao contato entre culturas diversas?
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Pensando a terceira idade da primeira geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos</b>
Autor/es	<b>Teresa Sales</b>
Resumo	Este artigo é o primeiro resultado de minha mais recente pesquisa à região de Boston nos Estados Unidos. A viagem foi motivada em parte para lançar meu livro <i>Brasileiros Longe de Casa</i> (Cortez Editora, 1999) junto à comunidade brasileira, em parte para dar continuidade à pesquisa que deu origem a esse livro. Pretendia aprofundar, nessa continuidade da pesquisa, a questão das Redes Sociais nas migrações. Contudo, meu compromisso com a Revista Travessia terminou por mudar a rota da pesquisa em outra direção, pela qual tomei gosto e que parece ser a que aponta agora para outros temas a serem explorados. Saí do Brasil com o compromisso de escrever um artigo para este número de Travessia sobre “Gerações na Migração”, e esse foi o assunto com o qual me ocupei durante todo o curto espaço do tempo de pesquisa e que possivelmente

Ano/Edição	<p>será meu próximo objeto de pesquisa: a questão das gerações na migração. Como o tempo para escrever é também curto, vou abordar nesse artigo, de forma preliminar, apenas um dos aspectos que parece ser crucial em se tratando de uma primeira geração de imigrantes, que é a questão do futuro desses imigrantes na terceira idade, quando supostamente deveriam ter unia situação garantida.</p> <p>Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP</p>
<b>Título</b>	<b>“Eu sou daqui, meus pais não!”</b>
Autor/es	<b>Sílvio Marcus de Souza Correa; Karin Elinor Sauer; Carina Santos de Almeida</b>
Resumo	<p>Nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos sobre juventude no Brasil, especialmente no campo da sociologia. Até a década de 70, de um modo geral, havia poucos trabalhos sobre a questão juvenil no Brasil. Mas refletir sobre a condição juvenil implica uma compreensão polissêmica da juventude. No Brasil, há jovens que residem em espaços distintos: cidades pequenas, médias e grandes, meio rural e urbano. Assim, a juventude brasileira apresenta inúmeras formas de diferenciação como gênero, pertencimento étnico, origem social e geográfica. Tal diversidade não é apanágio de jovens metropolitanos. Nas cidades de pequeno e médio porte tem-se uma juventude plural em espaços singulares, onde a condição juvenil não é homogênea (Catani, 1998; Vasconcelos, 2002; Correa, 2007; Novaes, 2006). Se, por um lado, a juventude apresenta condições desiguais em termos socioeconômicos, culturais e espaciais, a desigualdade advinda pela trajetória de jovens marcada ou não ela migração também se manifesta na sociedade ampla. Os jovens relacionados à migração, direta ou indiretamente (via parental), apresentam trajetórias ou mesmo narrativas familiares similares em alguns aspectos. Entre os jovens migrantes e aqueles de “segunda geração”, as diferenças podem se expressar, por exemplo, pelo tempo de residência na sociedade acolhedora.</p>
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo